

O Agora do Ontem

Cristiano Melo

O calor úmido do Rio de Janeiro, deixava o suor ainda mais incômodo, pregado ao corpo. Silva Sacudia a cabeça sem compreender o que acontecia naquele instante em que o seu segundo filho, Mauro, apontava o dedo para o seu rosto pronunciando palavras difíceis em frases nervosas.

— Agora o Senhor foge da conversa, não é?

Nervoso, andava de um lado ao outro da sala da casa de Silva, às vezes parava para fitar os olhos de seu pai, que, sem entender direito o que acontecia, já não parava mais de contar as cerâmicas do chão. “Elas estão melhores do que os tacos que estavam aqui antes”, pensava.

Mauro já não morava com ele e o resto da família havia alguns anos, residia em outra cidade no interior de São Paulo, tinha pouco mais de trinta anos e era o segundo de cinco irmãos, era engenheiro, uma aparência melhor do que a média de seus amigos de mesma idade possuidor de um jeito extrovertido e carinhoso. Silva continuava absorto em seu piso e não conseguia entender o que seu filho retrucava, “deve estar com algum problema”, explicava a si quando Mauro aumentava os decibéis da sua fala.

Deitada na cama e com um terço na mão, rezava, num outro cômodo, Mariana, sem dar muita atenção à possível discussão que ocorria em sua casa. “Ave Maria, cheia de graça...”, repetia pela enésima vez, indiferente ao mundo em sua volta. Passava a mão pequena pelos cabelos ralos e lisos enquanto o gato de sua filha caçula arranhava preguiçosamente o lençol encardido de vários anos de lavadas no tanque de roupas velho. Buscava se concentrar irritada com os ruídos ao seu redor, “Pai nosso que estais no céu...”, continuava.

A casa dos Silva ficava num bairro residencial, bairro que havia deixado de ser periferia com o aumento urbano, e, agora, fora quase todo englobado pela denominação de Zona Norte. Residiam ali, desde o primeiro aniversário de Mauro, a primeira casa própria. Festejaram um ano desta no mesmo dia do aniversário daquele.

— Eu passei a minha vida confuso, sem entender os porquês de ter dificuldades afetivas, sempre quis ter a certeza do afeto de vocês, mas quando lembro que nem nunca um abraço recebi... E, por décadas fiquei enfiado em consultórios psiquiátricos e tomando antidepressivos, quase virei um alcoólatra, já até tentei acabar com tudo isto, e, no momento em que quero passar toda a estória a limpo o senhor continua do mesmo jeito, indiferente aos seus filhos, se fosse um de meus primos, ou até um filho de amigo o senhor estava dando mais atenção.

Mauro estava transtornado, os seus olhos antes tão alegres e cheios de vida, apesar da depressão que sempre lhe acompanhou, aparentavam duas bolas de fogo com a expressão de raiva que passara de súbito para um ódio controlado. Silva não tinha mais como fugir e resolveu balbuciar alguma coisa.

— Você nunca gostou da gente mesmo, desde pequeno ameaçava que iria embora de casa, desde muito pequeno, e a gente ia buscá-lo na casa de seu avô que morava ao lado de nós. Eu queria saber o porque de tanta raiva de sua família.

— Você sempre repete isto, não passa de uma tentativa de jogar a responsabilidade sobre mim, mas se continuar debatendo comigo eu devo elogiá-lo e incentivá-lo. Eu queria, dentre muitas coisas contar a minha estória, sob a minha ótica e, assim, passarmos para uma discussão pacífica, o que acha?

— Por que mexer no passado meu filho? Sua mãe gosta muito de você, isso não basta?

— Acredito que se olharmos para o passado poderemos nos aliviar de neuroses presas no presente.

— Você e sua mania de analisar tudo à sua volta, apenas viva Mauro.

— É o que eu tento fazer. Viver... Deixar de sobreviver! Você pode me dar um pouco de seu tempo? Faria muito bem pra mim e tenho certeza que pode ajudar o senhor e a mãe.

“Ajudar a mim? A mãe dele? Filho de uma mãe egoísta!”.

— OK! Mas vamos rápido que eu combinei com o seu tio Gil para irmos num bar.

Retrucou já com um certo ar de impaciência e indignação. “Quem ele pensa que é? No meu tempo um filho não questionava o seu pai, devo ter sido muito mole com ele, ah menino mimado”, sentou-se em frente ao filho no jogo de sofá novo que havia comprado com o dinheiro emprestado de Mauro.

— Comece!

Cristiano Melo, 2006.

Obra original disponível em:

<http://www.overmundo.com.br/banco/o-agora-do-ontem>